CORREIO BRAZILIENSE

Publicado em 07/10/2022 - 05:56

Bolsonaro busca o voto feminino. Lula reforça o Nordeste

ELEIÇÕES 2022

Parlamentares eleitas anunciam que se organizarão nacionalmente por aval das mulheres à reeleição de Bolsonaro. Nesse segmento, o presidente tem forte rejeição. Chefe do Executivo recebe respaldo formal de mais seis governadores

Bancada feminina garante rede de apoio

» INGRID SOARES

Na busca por apoio à reeleição, o presidente Jair Bolsonaro (PL), recebeu ontem, no Palácio da Alvorada, mais de 200 deputados federais eleitos. Entre eles, estavam o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e o líder do governo na Casa, Ricardo Barros (PP-PR), além do caminhoneiro Zé Trovão (PL-SC) e do deputado Onyx Lorenzoni (PL), que disputa o segundo turno ao governo do Rio Grande do Sul. O objetivo do encontro foi pedir aos aliados que se dediquem a "conversar com os mais humildes" para virar votos.

A bancada feminina esteve representada pelas deputadas federais Carla Zambelli (PL-SP), Bia Kicis (PL-DF), Caroline de Toni (PL-SC), Celina Leão (PP-DF) e Silvia Waiãpi (PL-AP); e das senadoras Damares Alves (Republicanos-DF) e Tereza Cristina (PP-MS).

Ajudando a segurar uma faixa com a frase "mulheres com Bolsonaro", Celina Leão afirmou que as parlamentares se organizarão nacionalmente para formar uma rede de apoio ao presidente em sua investida pela recondução ao Planalto. "Este é o presidente que levou água às mulheres ribeirinhas do Nordeste, que dobrou o Bolsa Família, que perdoou o Prouni (Programa Universidade para Todos), impagável. Cuida de mulheres, pobres, negras, periféricas. Vamos lutar todas unidas. Pode ter certeza, nós faremos a diferença", disse.

A senadora Tereza Cristina disse que Bolsonaro "vai para o segundo turno com um exército que vai levar o seu nome, o que nós já fizemos e o que este governo vai fazer no próximo mandato".

Já a primeira-dama Michelle Bolsonaro pediu desculpas pelos palavrões proferidos pelo marido ao longo do mandato. "Perdão a todos pelos palavrões do meu marido, também não concordo, mas ele é assim. Tem gente que gosta, né?", frisou. Ela disse ter saído de sua "zona de conforto" ao ajudar Bolsonaro em sua campanha, discursando, principalmente, em ambientes religiosos e aparecendo em peças eleitorais. O presidente conta com a primeira-dama para diminuir a alta rejeição entre as mulheres.

Em seu discurso, Bolsonaro reconheceu ter ofendido famílias em meio à pandemia da covid-19, mas afirmou não ter tido a intenção e pediu desculpa. "Sempre falei demais, reconheço. Ofendi algumas pessoas de forma não intencional. Me desculpe, mas é o calor de uma luta da vida contra a morte. O caso da pandemia, quem poderia esperar, hoje em dia, estarmos no terceiro mês com deflação?", emendou, citando, ainda, a queda do preço da gasolina.

Ele voltou ao ataque contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), adversário dele no segundo turno, no dia 30. "O outro lado diz que vai aumentar isso, manter aquilo, por que não fez antes, 14 anos atrás?", questionou. "Não podemos deixar que o Brasil volte a ser administrado por um partido que, além da vergonha mundial, só fez coisa errada aqui. Não é um candidato desconhecido, não é uma figura nova na política. É conhecida, e nós sabemos o que aconteceu, não queremos mais isso para o nosso Brasil."

Em indireta a decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), afirmou ser necessário "defender a nossa liberdade na letra fria da Constituição" e que "não tem de ter limites". Segundo ele, os possíveis ofendidos nos diversos casos devem procurar a Justiça para ingressar com um processo.

Por sua vez, Arthur Lira disse que a eleição para o Legislativo mostrou que a maioria da população quer um Congresso "conservador" e também reiterou apoio à recondução do presidente. "O Brasil vai ter a oportunidade, no segundo turno, de escolher dois modelos bastante antagônicos. E ao povo vai caber essa escolha. Nós pedimos a compreensão e vamos, de uma maneira rebuscada, continuar afirmando: o Congresso Nacional que foi eleito pelos brasileiros, Senado e Câmara, foi feito para a permanência, a manutenção do governo Bolsonaro para os próximos quatro anos", enfatizou o presidente da Câmara.

Evaristo Sa/AFP

Parlamentares com a faixa que levaram ao Palácio da Alvorada. Elas enfatizaram que o presidente cuida das mulheres

> **Não podemos deixar que o Brasil volte a ser administrado por um partido que, além da vergonha mundial, só fez coisa errada aqui"**
>
> ***Jair Bolsonaro,*** *presidenciável do PL*

Governadores

Também no Alvorada, Bolsonaro ganhou o apoio formal de mais seis governadores: Ronaldo Caiado, de Goiás; Marcos Rocha, de Rondônia; Mauro Mendes, de Mato Grosso; e Wilson Lima, do Amazonas — todos do União Brasil —; além de Gladson Cameli, do Acre; e Antonio Denarium, de Roraima, ambos do PP.

"Em nome do povo goiano, venho aqui trazer e declarar apoio à reeleição de Vossa Excelência", disse Caiado. O governador goiano, o único que não apoiou Bolsonaro no primeiro turno, afirmou que as diferenças entre os dois foram superadas.

Mauro Mendes defendeu que o país está em "uma janela de oportunidades para continuar caminhando ao futuro e não dar um passo rumo ao passado". Ele destacou que se esforçará para que Bolsonaro tenha, no mínimo, 70% dos votos no estado. A fala foi endossada por Marcos Rocha, do Mato Grosso, onde Bolsonaro obteve 64% dos votos.

"Tenho certeza e afirmo com toda segurança: o presidente Bolsonaro é mais seguro e melhor para os 220 milhões de brasileiros. (...) Fujam do Lula para que vocês não tenham de fugir do Brasil", afirmou Denarium.

Bolsonaro se disse feliz em receber "mais um apoio de peso" à sua reeleição e caracterizou que disputará o segundo turno com "muita competitividade".

Horas depois, o presidente viajou a Minas Gerais (**leia reportagem abaixo**).

Bolsonaro aposta na virada em Minas

Belo Horizonte — O presidente Jair Bolsonaro (PL), candidato à reeleição, abriu a agenda das campanhas do segundo turno em Minas Gerais ontem. Ele esteve em Belo Horizonte para evento organizado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), no Teatro Sesiminas, Região Leste da capital.

Ao lado de Romeu Zema (Novo), ele disse estar confiante na vitória no estado com o apoio do governador reeleito. No discurso para o setor industrial, fez duros ataques ao candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, e voltou a defender sua pauta de costumes. No primeiro turno, o petista venceu em Minas com 48,29% dos votos, contra 43,6% do atual presidente. Na terça-feira, Bolsonaro conseguiu o apoio de Zema e, já na chegada à capita mineira, comemorou a aliança.

"Tenho certeza (na virada). Zema entra agora na nossa campanha. O apoio dele é excepcional. E eu sempre disse, mesmo quando eu tinha outro candidato aqui ao governo do estado, que o Zema tinha feito um bom governo no estado de Minas e merecia ser reconduzido no cargo", afirmou o presidente.

Onze governadores já declararam apoio à candidatura do presidente nesta semana e quatro deles estiveram presentes em Belo Horizonte ontem. Além de Zema, Cláudio Castro (PL-RJ), Antonio Denarium (PP-RR) e Ibaneis Rocha (MDB-DF) participaram do evento da Fiemg.

No teatro, Bolsonaro foi ovacionado pelos convidados, que o receberam aos gritos de "mito". O evento simboliza a entrega de pautas da indústria para o candidato à Presidência, mas o tema foi pouco abordado pelo chefe do Executivo no discurso.

Ele começou chamando a plateia de conterrâneos: "Sou de Juiz de Fora, uai". Foi referência à cidade onde sofreu atentado na campanha de 2018. Na sequência, saudou os presentes, com destaque para Zema, e começou a falar sobre Lula. "A especialidade deles é mentir, é enganar, em especial os mais humildes, com propostas mirabolantes", acusou, em relação ao PT.

Na sequência, voltou a ironizar a "Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito", assinada por mais de um milhão de pessoas em agosto deste ano. "Nossa carta à democracia é a nossa Constituição, não é um pedaço de papel às vezes que aparece em momentos propícios como se fossem os salvadores da pátria, como se fossem as pessoas que realmente estivessem interessadas em defender a democracia. A nossa carta e de boa parte da população cristã é a nossa *Bíblia* também".

Costumes

A agenda de costumes seguiu como tema do discurso, com ataques aos governos petistas, que acusou de formular propostas de "desconstrução da heteronormatividade" e "ideologia de gênero", temas repetidos nos discursos presidenciais e de seus apoiadores.

O presidente encerrou a fala tratando sobre economia e incensou números recentes de sua gestão. "Pelo terceiro mês consecutivo, já temos deflação no Brasil, os produtos da cesta básica já vêm caindo de preço, estamos voltando à normalidade de forma completamente diferente de quase todo o mundo", comemorou.

Zema, por sua vez, apostou no discurso antipetista, criticando novamente a gestão de Fernando Pimentel (PT), que o antecedeu na chefia do Executivo estadual.

Ele afirmou que, no governo de Pimentel, o estado não estava repassando os recursos da área de saúde e do piso mineiro de assistência social para as prefeituras, "mas as mordomias, os favores e os privilégios para a companheirada não pararam não". Na sequência, disse que "todo mineiro que conhece um pouco dessa realidade deveria falar: 'Eu sou Ptfóbico'".

Por fim, o governador anunciou que fará tudo possível para que o presidente seja reeleito. "Tudo que estiver ao meu alcance, faremos para que, no dia 30, à noite, tenhamos aquele resultado que todos nós desejamos e que levará o Brasil para o futuro", enfatizou.

Flávio Roscoe, presidente da Fiemg, abriu o evento acenando a Zema e Bolsonaro. "Nós preparamos uma agenda de melhoria, porque não há nada que não pode ser melhorado. Aliás, é por isso que o senhor precisa de mais quatro anos, para melhorar e implementar um bom trabalho no Brasil. Nós acreditamos que isso é possível", afirmou, se referindo a Bolsonaro.

Durante a semana, Roscoe informou que o convite feito ao presidente também foi feito a Lula, mas que o candidato do PL respondeu antes. Não há informações sobre a resposta do petista à Fiemg.

A passagem de Bolsonaro por Belo Horizonte foi rápida e com poucos momentos de contato com apoiadores.

O estado é foco dos presidenciáveis. Segundo maior colégio eleitoral do país, desde a redemocratização, nenhum presidente foi eleito sem levar a melhor nas urnas mineiras. (**Bernardo Estillac, Guilherme Peixoto, Ígor Passarini, Mariana Costa e Matheus Muratori**)

Douglas Magno / AFP

Zema disse que fará todo o possível para que Bolsonaro seja reeleito

ELEIÇÕES 2022

Ex-presidente pede a quem tiver "uma gota de sangue nordestino" que não vote em Bolsonaro, após presidente relacionar a vitória do petista na região ao analfabetismo. Lideranças do PSD fecham apoio à campanha

Lula sai em defesa do Nordeste

» TAÍSA MEDEIROS

Nelson Almeida / AFP

Lula, com Haddad e Alckmin, em São Bernardo do Campo, seu berço político. Petista pediu a apoiadores que ajudem a combater as fake news

Candidato ao Planalto, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) rebateu a declaração de seu oponente, o presidente Jair Bolsonaro (PL), que relacionou o melhor desempenho do petista no primeiro turno das eleições no Nordeste ao analfabetismo na região. "Quem tiver uma gota de sangue nordestino não pode votar nesse negacionista monstro que governa este país", disparou Lula, no discursou em uma caminhada com apoiadores em São Bernardo do Campos (SP), seu berço político. Ele estava acompanhado de seu vice, Geraldo Alckmin (PSB), e do candidato ao governo de São Paulo, Fernando Haddad (PT).

"Ontem (quarta-feira), o meu adversário disse que eu só ganhei as eleições dele porque o povo nordestino é analfabeto. As pessoas que são analfabetas não são por sua responsabilidade. Elas ficaram analfabetas porque este país nunca teve um governo que se preocupasse com a educação", frisou. "Eles têm de saber que nós, nordestinos, ajudamos a construir cada metro de asfalto deste país. (...) Não queremos ser apenas pedreiros: queremos ser engenheiros (...). Quem tiver uma gota de sangue nordestino não pode votar nesse negacionista monstro que governa este país."

Em seguida, Lula mandou recado ao adversário. "Ele que vá pegar os votos dos milicianos. Daqueles que mataram Marielle (Franco), daqueles que são responsáveis pelas mortes de milhares de pessoas pela pandemia. Ele que vá pegar o voto da quadrilha chefiada pelo (Fabrício) Queiroz, que ele guardou até agora. Ele que vá pedir voto para aqueles que estão organizando a rachadinha dos seus filhos na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro", enfatizou.

As declarações de Bolsonaro foram dadas numa transmissão ao vivo, na quarta-feira. "Lula venceu em nove dos 10 estados com maior taxa de analfabetismo. Vocês sabem quais são os estados? No nosso Nordeste. Não é só a taxa de analfabetismo alta o mais grave nesses estados. Outros dados econômicos são inferiores nas regiões, porque esses estados no Nordeste estão há 20 anos sendo administrados pelo PT", alegou, na live.

> **Quem tiver uma gota de sangue nordestino não pode votar nesse negacionista monstro que governa este país"**
>
> ***Luiz Inácio Lula da Silva,*** *presidenciável do PT*

Fake news

Em São Bernardo, Lula pediu aos apoiadores que o ajudem no combate às fake news. "Vocês sabem que o nosso adversário é especialista em mentir. São sete a oito mentiras por dia, através da fake news, através do zap. Nesses próximos 24 dias, vocês precisam ficar alerta. Vocês precisam saber distinguir o que é mentira e o que é verdade. Porque a verdade, ela normalmente engatinha, enquanto a mentira corre e voa", alertou o ex-presidente. "Eu preciso de vocês. O Haddad precisa de vocês. Vocês não são cabos eleitorais. Vocês são candidatos a governador e candidato à Presidência da República. E até o dia 30, a gente não pode descansar", salientou.

Em seu discurso, Alckmin abordou a pauta religiosa. "Coincidentemente, o destino nos trouxe aqui, nesse acender das luzes do segundo turno, aos pés da (Igreja) Matriz de São Bernardo do Campo, porque são os nossos valores de amor ao próximo, de enxergar quem sofre, a dor do nosso irmão que nos faz estar nessa caminhada", destacou. "O Brasil não quer tortura, não quer desemprego, não quer negacionismo, não quer inflação."

Apoio do PSD

Mais tarde, ao lado de parlamentares e prefeitos do PSD, Lula recebeu o apoio de parte da legenda e pediu ajuda para vencer o segundo turno das eleições. Estavam presentes nomes como o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes; os senadores Otto Alencar (BA), Carlos Fávaro (MT) e Alexandre Silveira (MG); e o deputado federal Marcelo Ramos (AM). O presidente do partido, Gilberto Kassab, não participou e já disse que a legenda manterá a neutralidade no segundo turno, mas aliados do petista o pressionam por um posicionamento.

A ocasião foi marcada pelo discurso de que a candidatura do petista representa a manutenção da democracia. "Neste instante, tem uma coisa sagrada que nós precisamos recuperar, que é uma palavra mágica chamada democracia, que é o regime mais difícil de ser exercido, porque exige a convivência com a contradição, com a contrariedade", afirmou Lula. "As pessoas acham que é possível enganar o povo a todo o tempo. Mas chega um momento em que o povo não se ilude."

Lula se referia a promessas feitas por Bolsonaro. "Nosso adversário quer dar 13º salário para o auxílio emergencial. Agora, está oferecendo até negociar a dívida dos devedores. Tudo no finzinho das eleições. É só a gente falar, que ele copia", criticou.

O senador Otto Alencar ressaltou a importância de defender a democracia. "Nossa posição é muito clara, sabendo que a eleição do presidente Lula vitoriosa é um resgate da cidadania, da democracia, do Estado democrático de direito e todas as condições para que o Brasil volte a ter as políticas públicas que faltaram no atual governo", frisou.

O deputado Marcelo Ramos foi na mesma linha: "O chamado que nós temos que fazer aqui é um chamado por todos que têm responsabilidade com a democracia, e esse chamado tem de chegar, inclusive, ao nosso presidente Gilberto Kassab, porque o lugar dele na história é aqui, junto conosco", pressionou. Na avaliação do parlamentar, Bolsonaro tem "incapacidade absoluta de sentir os verdadeiros problemas do povo brasileiro".

Economistas declaram voto no ex-presidente

Ed Alves/CB/D.A Press

Fraga foi um dos economistas que anunciaram voto em Lula: "Expectativa de condução responsável da economia"

Os economistas Pedro Malan, Armínio Fraga, Edmar Bacha e Persio Arida, considerados essenciais no sucesso da implantação do Plano Real, divulgaram nota conjunta de voto no candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, que disputa este segundo turno contra o presidente e postulante à reeleição, Jair Bolsonaro (PL). "Nossa expectativa é de condução responsável da economia", afirmaram. O comunicado não traz mais detalhes sobre o raciocínio que embasou a decisão do voto.

Pedro Malan foi ministro da Fazenda durante o governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB), além de presidente do Banco Central (BC) no governo Itamar Franco. Fraga comandou o BC no segundo mandato de FHC, e Edmar Bacha participou da implantação do Plano Real.

Arida, que foi presidente do Banco Central e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) na gestão de FHC, já havia declarado, na quarta-feira, apoio ao petista. "Vou votar no Lula não só pelos erros do governo Bolsonaro, mas porque estou preocupado com a democracia brasileira", afirmou. "Não quero que a democracia morra, e o que hoje temos é um retrocesso civilizatório."

Ele falou, também, do desempenho ruim da gestão Bolsonaro no primeiro mandato e que seria ainda pior em um eventual segundo governo. Sobretudo, por conta de um Congresso mais conservador, que pode apoiar pautas menos republicanas. "Historicamente, os segundos mandatos são piores, e é inaceitável continuar por mais quatro anos com este governante", sustentou. "Bolsonaro reeleito seria uma ameaça à democracia, ao meio ambiente e aos direitos humanos."

O economista disse que não participará efetivamente da campanha, mas que está aberto a conversas. Em 2018, ele coordenou o plano econômico do então presidenciável Geraldo Alckmin, então do PSDB, que hoje está no PSB e é vice na chapa de Lula. Arida e Bacha colaboraram com a área econômica da campanha da emedebista Simone Tebet — terceira colocada nas eleições e que, na quarta-feira, empenhou seu apoio a Lula neste segundo turno da corrida presidencial.

Arida contou que teve uma conversa com o economista Aloízio Mercadante e outros economistas do PT em março e não está envolvido diretamente na elaboração do plano do partido. "O PT já fez boas e más políticas ao longo dos anos, e estou na expectativa de que venham as boas políticas", ressaltou.

Para ele, um dos principais problemas do programa do PT é a falta de detalhamento. "Os problemas surgem nos detalhes, mas é preciso levar em conta que campanha é campanha", destacou. "É um momento diferente de quando se governa."

Além disso, frisou Arida, os programas de governo nem sempre são cumpridos. Bolsonaro, por exemplo, prometeu respeitar o teto de gastos, mas o rompeu em três dos quatro anos de governo. "A julgar pela trajetória, vai romper todos os anos", acrescentou.

Segundo o economista, o aspecto fiscal, no entanto, não é o principal problema do país. "O Brasil precisa de reformas administrativa, tributária, abertura comercial e mudança no modo de funcionamento da máquina pública", listou. "O país continua fechado, e sequer as privatizações foram feitas no governo Bolsonaro. A da Eletrobras foi a mais malfeita da História."

Para Arida, a única medida liberal do governo atual, a independência do Banco Central, aconteceu por um "cochilo do Bolsonaro". "Se ele tivesse percebido, teria barrado, e (a autoridade monetária) sofreria intervenção como a Petrobras", avaliou.

Copyright © Clipclap 2025.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Pagina:** 2 e 3

Copyright © Clipclap 2025.